

**COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE
HISTÓRIA**

BRUNO RODRIGUES STELLET

**LIMA BARRETO E OS PROJETOS SILENCIADOS NA
CONSTRUÇÃO DA PRIMEIRA REPÚBLICA**

Rio de Janeiro

2024



BRUNO RODRIGUES STELLET

**LIMA BARRETO E OS PROJETOS SILENCIADOS NA CONSTRUÇÃO DA
PRIMEIRA REPÚBLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História.

Orientador(a): Prof. Dr. Julio Cesar Paixão Santos

Rio de Janeiro

2024

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

S824 Stellet, Bruno Rodrigues
Lima Barreto e os projetos silenciados na construção da Primeira República /
Bruno Rodrigues Stellet. – Rio de Janeiro, 2024.

43 f.

Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Ensino de História) –
Colégio Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Júlio Cesar Paixão Santos.

1. História – Estudo e ensino. 2. Brasil – História – Primeira República, 1889-
1930. 3. Literatura e história. 4. Lima, Barreto, 1881-1922 – Crítica e
interpretação. I. Santos, Júlio Cesar Paixão. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 907

BRUNO RODRIGUES STELLET

**LIMA BARRETO E OS PROJETOS SILENCIADOS NA CONSTRUÇÃO DA
PRIMEIRA REPÚBLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História.

Aprovado em 11 de Abril de 2024.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Julio Cesar Paixão Santos
Colégio Pedro II/PPGEH
Orientador

Prof. Dr. Leandro Climaco Almeida de Melo Mendonça
Colégio Pedro II/PPGEH

Prof. Dr. Rafael Lima Alves de Souza
Colégio Pedro II

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, sem sua direção não teria chegado até aqui. Ele é meu guia, meu consolo, meu sustento e meu melhor amigo.

Agradeço a meus pais, que me propiciaram todas as condições financeiras, emocionais e espirituais para que eu pudesse me dedicar aos estudos. Amo profundamente vocês.

Agradeço a toda minha família, meu irmão Leonardo, minha namorada Quézia, minha avó Maria Barbosa, minha tia Ocirene, meus primos Bernardo, Bia e Robison por todo carinho, cuidado e apoio nesta importante fase da minha vida.

Agradeço a todos os colegas e brilhantes professores, nossas trocas foram fundamentais para minha caminhada.

Agradeço aos meus alunos que me ensinam todos os dias em sala de aula.

Por fim, agradeço ao meu excelente orientador, professor Júlio Cesar Paixão Santos, por toda a sua paciência e dedicação.

“E desse modo ele ia levando a vida,
metade na repartição, sem ser
compreendido, a outra metade em
casa, também sem ser compreendido”
Lima Barreto, 1911

RESUMO

STELLET, Bruno Rodrigues. **Lima Barreto e os projetos silenciados na construção da primeira república**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2023.

A partir da década de 1950 tem ocorrido um resgate da importância da produção literária de Lima Barreto. Através de seus personagens e da ambientação de sua obra, Lima discute temas sociais que não se restringem ao início do século XX e as transformações urbanas no Rio de Janeiro, apresentando anseios e projetos políticos alternativos de construção da primeira república. Este trabalho de revisão bibliográfica tem como objetivo contribuir para a discussão sobre a importância da interdisciplinaridade e do uso de textos literários na contextualização do Ensino de História, ao mesmo tempo que indica possíveis caminhos para realizá-lo. Partindo de crônicas presentes na obra *Os Bruzundangas*, propõe-se a elaboração de uma exposição para o 9º ano do Ensino Fundamental como produto pedagógico. O uso da literatura em sala de aula favorece a concretização de uma aprendizagem significativa e a formação de alunos capazes de problematizar questões de sua realidade social e propor alternativas de mudanças.

Palavras-chave: ensino de história; literatura; modernismos; república; Rio de Janeiro.

ABSTRACT

STELLET, Bruno Rodrigues. **Lima Barreto and the silenced projects in the construction of the first republic**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2023.

From the 1950s there has been a rescue of the importance of Lima Barreto's literary production. Through his characters and the setting of his work, Lima discusses social issues that are not confined to the beginning of the 20th century and the urban transformations in Rio de Janeiro, presenting aspirations and alternative political projects of the construction of the first republic. This bibliographic review work aims to contribute to the discussion on the importance of interdisciplinarity and the use of literary texts in the contextualization of History Teaching, while indicating possible ways to realize it. Starting from the chronicles present in the work *Os Bruzundangas*, it is proposed to prepare an exhibition for the 9th year of basic education as a pedagogical product. The use of literature in the classroom favors the realization of meaningful learning and the formation of students able to problematize issues of their social reality and propose alternatives for change.

Keywords: history teaching; literature; modernisms; republic; Rio de Janeiro.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL - Academia Brasileira de Letras

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Retrato de Lima Barreto.....	20
Figura 2: Floreal, publicação bimensal de crítica e literatura.....	31
Figura 3: Desfile de Inauguração da Avenida Central.	36
Figura 4: O Presidente Epitácio Pessoa e o Prefeito Carlos Sampaio visitando a área arrasada do Morro do Castelo.	36
Figura 5: Café Paris, Largo da Carioca	37
Figura 6: Estrada de Ferro Central do Brasil, Estação do Engenho de Dentro.....	37
Figura 7: Estação da Estrada de Ferro Pedro II.....	37
Figura 8: Operários trabalham nas obras para a Exposição Internacional de 1922...	38

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 LITERATURA E ENSINO DE HISTÓRIA.....	14
2.1 A literatura como fonte histórica	14
2.2 O ensino de história para uma aprendizagem significativa	15
2.3 A importância da obra de Lima Barreto	17
3 O RIO DE JANEIRO NO INÍCIO DO SÉCULO XX.	24
3.1 As transformações no Rio de Janeiro na passagem do final do século XIX para o começo do século XX	24
3.2 Políticas higienistas e a experiência da loucura na obra de Lima Barreto	26
3.3 O modernismo carioca e culturas populares	30
4 PROPOSTA PEDAGÓGICA - EXPOSIÇÃO: A CONSTRUÇÃO DA PRIMEIRA REPÚBLICA SOB O OLHAR DE LIMA BARRETO	33
5 CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca compreender como a literatura pode constituir-se em uma importante ferramenta para o ensino de história uma vez que possibilita ao aluno o contato com fontes primárias do período estudado, a partir da perspectiva de atores sociais que vivenciaram aquele período. O uso da literatura permite ao aluno desenvolver a imaginação histórica e se engajar no processo de construção do conhecimento tornando-se ativo no processo de aprendizagem. Ao utilizar o texto literário em sala de aula, o professor deixa de lado o papel de mero transmissor de conteúdos prontos e passa a ser um mediador na relação do aluno com o objeto de conhecimento.

Lima Barreto, o autor escolhido para o desenvolvimento deste trabalho, permite ao professor explorar as principais características, transformações e permanências da sociedade carioca do início do século XX sob o olhar crítico de um negro, morador dos subúrbios cariocas, que descreve ao longo de suas obras suas reflexões sobre os diferentes personagens e espaços sociais que frequentava entre suas viagens de trem do centro aos subúrbios. Em sua obra *Os Bruzundangas*, Barreto descreve um país imaginário com peculiaridades e vicissitudes semelhantes às do Brasil de seu tempo.

O recorte espacial e temporal escolhidos, compreendem o período entre a Proclamação da República em 1889 e a semana de arte moderna de 1922 na cidade do Rio de Janeiro. Utilizando-se da metodologia de uma revisão bibliográfica, este trabalho tem por objetivo compreender as transformações e permanências na cidade do início do século XX através do texto literário, propondo que os alunos do nono ano do ensino fundamental, através da leitura de trechos selecionados e do processo de montagem de uma exposição, problematizem o funcionamento das relações sociais e a formação de privilégios e preconceitos na primeira república assim como a constante imitação dos costumes europeus pela sociedade carioca. Outro destaque importante deste recorte está na espacialidade dos subúrbios cariocas como palco de diferentes formas de sociabilidade e resistência.

Ao analisarmos os discursos dos autores sobre o período, podemos ter acesso às suas condições de produção, ideologias e as formas de representação de diferentes grupos sobre o período estudado. Segundo Orlandi (2003, p.15), o discurso é “palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-

se o homem falando”, logo todo discurso está submetido a um sujeito e todo sujeito está permeado por uma ideologia e tendo o discurso a função de assegurar a permanência de uma determinada representação, o que coloca em questão a inexistência de uma linguagem neutra.

Nenhum discurso se origina no sujeito que o produz, por esse motivo é importante analisar as suas condições de produção. O próprio lugar da qual o sujeito fala constitui aquilo que ele diz, por esse motivo é fundamental estudar e levar em consideração na análise o autor de um discurso e não apenas o que foi dito pelo mesmo. Todo discurso se relaciona com outros e é sustentado por um interdiscurso através de uma memória discursiva sobre o que já foi dito, o que permite a compreensão do funcionamento desse novo discurso.

No segundo capítulo relaciono a produção literária com sua utilização como fonte histórica. O sociólogo Raymond Williams é um autor relevante para esta reflexão, pois colabora com a compreensão de como a história e a literatura estão diretamente relacionadas. Para integrar esse debate à pesquisa também dialogo com a obra de Nicolau Sevcenko que procura realizar uma revisão bibliográfica de interpretações da primeira república a partir dos escritos de literatos da época. Em um segundo momento, procuro refletir sobre as possibilidades do uso desse texto literário didaticamente propiciando uma aprendizagem significativa para os alunos, para isso utilizo de teorias pedagógicas críticas a um ensino de história que prioriza apenas a memorização dos eventos por parte dos alunos.

No terceiro capítulo, procuro relacionar os olhares dos moradores dos subúrbios frente às reformas de modernização e as políticas de saúde em curso na capital fluminense através dos personagens descritos por Lima Barreto, além de refletir sobre os motivos que levaram esse autor a ser esquecido e colocado no hall de pré-modernista frente aos modernistas paulistas da semana de arte de 1922. Procuro recuperar o grupo de literatos cariocas que, às margens da imprensa tradicional, se reunia ao redor das mesas de bares do centro do Rio, para dialogar sobre os problemas da cidade e produzir sua literatura de resistência.

O quarto capítulo destina-se a apresentação do produto pedagógico, a montagem de uma exposição denominada “ A construção da Primeira República sob o olhar de Lima Barreto” na qual procuro através da leitura de crônicas selecionadas da obra Os Bruzundangas, uma sátira da Primeira República no Brasil, trabalhar com os alunos personagens diferentes dos que aparecem com frequência nos livros

didáticos sobre o período, refletindo sobre outros projetos de república possíveis e questões da sociedade carioca do início do século XX como o racismo, os transtornos mentais, a violência policial, a corrupção, falta de políticas públicas de habitação e saneamento básico, entre outros que são temáticas que ainda permeiam o cotidiano da cidade.

2 LITERATURA E ENSINO DE HISTÓRIA

2.1 A literatura como fonte histórica

Todos os autores são portadores de uma cultura que está exposta em suas criações. O texto literário é o resultado de um trabalho humano no qual as memórias existentes sobre o tempo vivido são alimentadas. Os testemunhos do cotidiano e do imaginário, que, segundo Sandra Pesavento (1999), são representações sobre o mundo e não se confundem com a realidade, não são totalmente separadas do real, uma vez que tem nela seu referente. Logo o texto literário não deve ser lido como uma mera reprodução da realidade, mas sim como um produto historicamente construído.

Os fundadores da revista dos *Annales*¹ foram responsáveis por ampliar a noção de documento para além dos documentos escritos tradicionais. Le Goff (1924) define o documento a partir de sua dimensão monumental, como um produto da sociedade que o fabricou de acordo com as relações de força que detinham. Desse modo, a literatura tem um potencial de ser analisada como documento ao nos fornecer indícios sobre a sociedade, costumes e cultura em que foi produzida.

Não existem documentos próprios com as respostas para todas as perguntas sobre o passado. Cabe ao historiador o papel ativo de interrogar o documento, abandonando a ideia de neutralidade, em que caberia ao pesquisador apenas o mero registro dos testemunhos. O historiador irá construir a sua narrativa escolhendo os fatos que ele irá dar destaque em detrimento de outros. Nesse sentido, a escrita da história se aproxima da construção do texto literário, pois nenhum fato possui sentido em si mesmo mesmos. Os acontecimentos são colocados em perspectiva com outros fatos que lhes deêm sentido. Assim, elabora-se uma história plausível daquele acontecimento (WHITE, 2001).

Segundo Veyne (1971), a escrita da história consiste em colocar um evento dentro de um contexto relacionando uma parte ao todo as narrativas históricas dão sentido e atribuem valores a conjuntos de acontecimentos passados a partir da tradução de fatos em ficção. Logo, de acordo com White (2001), podemos considerar que existe um elemento ficcional na construção da escrita da história porque é impossível relatarmos de fato o que realmente aconteceu naquele evento.

¹ A revista dos *Annales* foi fundada em 1929 tendo como principais mentores Marc Bloch e Lucien Febvre.

Entender o potencial da literatura como um documento parte do pressuposto que a literatura não está isolada do meio na qual ela foi produzida, pois os textos literários são parte das relações sociais: eles instituem e constituem a realidade. Segundo Williams (2011), a literatura é indissociável da experiência histórica, pois não apenas se alimenta do tempo vivido, mas retroalimenta esse tempo conformando novas memórias. Logo, ao analisar um texto literário como fonte, devemos levar em consideração as condições de produção, circulação e recepção desta obra.

Ao utilizar o texto literário como documento, o historiador deve levar em consideração tanto seus fatores internos procurando identificar seus temas, suas tramas, seus aspectos estéticos e sua dimensão formal, quanto procurar entender seus aspectos externos a partir do contexto social e temporal em que ela foi produzida. O historiador deve questionar o público para quem o autor escreveu e como foi a recepção da obra, os motivos que levaram o autor a escrever, o lugar social que o autor ocupava, em que condições materiais ele escrevia na busca de historicizar a obra literária, inserindo-a no movimento da sociedade e investigando suas redes de interlocução (SEVCENKO, 1983).

2.2 O ensino de história para uma aprendizagem significativa

As reformas educativas dos anos 1990 e 2000, pressupõe um ensino de história que possibilite ao aluno não apenas memorizar os eventos, mas saber reconhecer mudanças e continuidades, compreendendo a escrita histórica como um processo social. Através do uso de fontes históricas diversas e de estratégias e trocas de experiências é possível a incorporação de novos temas, novos conteúdos e novos caminhos, para transformar os eventos em problemas e serem analisados.

O ensino de história deve ser pensado como um lugar de fronteira entre a educação, seus currículos, diretrizes e a didática e a história produzida pela historiografia, onde se demarcam as diferenças, mas também onde é possível produzir aproximações. (MONTEIRO, 2011). A BNCC (2018) propõe como objetivos do ensino de história nos anos finais do ensino fundamental o reconhecimento das dimensões temporal e espacial no desenvolvimento das sociedades, a presença de diferentes sujeitos nesses contextos, além do desenvolvimento com os alunos das habilidades necessárias para selecionar, compreender, refletir e elaborar críticas sobre os significados da produção, circulação e utilização destes documentos.

Segundo Bittencourt (2009), um documento como o texto literário pode ter diferentes usos no contexto de sala de aula. O mesmo pode servir apenas como uma ilustração referente ao conteúdo abordado, pode servir como fonte de consulta ou informação complementar sobre a temática ou pode ser trabalhado de forma a introduzir um tema de estudo. Dessa forma, seria possível explorar com o aluno as múltiplas dimensões desse documento. O ensino de história por meio da literatura possui vantagens por ser mais lúdico, interativo, dinâmico e desenvolver a autonomia dos estudantes frente ao documento. Ao comparar o contexto em que a obra foi produzida com sua realidade social, o estudante pode exercitar uma análise crítica da sociedade em perspectiva temporal.

A literatura usa de recursos similares a história na construção nas narrativas, porém com objetivos distintos. O uso da literatura em sala de aula possibilita o estímulo do hábito de leitura nos alunos e o gosto pela investigação histórica, aproximando o aluno do objeto de estudo. Ao diminuir a distância entre o passado e as suas evidências, o processo de ensino-aprendizagem oferece ao estudante uma visão qualitativa da realidade, aproximando-o de um contexto diferente do dele (MATTOS, 2006).

Entretanto, alguns cuidados devem ser levados em consideração para a escolha da obra literária mais adequada de acordo com a faixa etária dos alunos e seu nível de escolarização. O professor deve ter atenção ao momento que irá introduzir a obra durante as aulas. Primeiro deve-se trabalhar o conteúdo factual possibilitando uma ambientação dos alunos com o tema histórico e posteriormente realizar a leitura de trechos selecionados, favorecendo uma atividade mais prazerosa e inteligível para os alunos (BITTENCOURT, 2009).

De acordo com Simone Almeida e Kassandra Amador (2019), alguns fatores devem ser considerados na escolha da obra a ser trabalhada e dos métodos de ensino-aprendizagem: (a) a possibilidade de generalização dos fatos históricos, mobilizando os conhecimentos prévios dos alunos e de sua realidade social; (b) a busca da compreensão do conhecimento histórico como um processo realizado através da seleção, análise e interpretação de vestígios do passado; (c) a possibilidade do aluno identificar e compreender a ação de diferentes sujeitos históricos em diferentes situações e espaços de sociabilidade; (d) a viabilidade da comparação crítica entre o presente e o passado pelo estudante; (e) o planejamento de situações que potencializem nos alunos um sentimento de pertencimento e

identidade com a sua localidade.

Ao trabalhar o texto literário como fonte histórica o professor deve auxiliar os alunos, destacando as principais informações do trecho ou capítulo escolhido, situando em seu contexto, destacando os espaços em que o autor da obra estava inserido. Além disso, é importante associar as informações destacadas aos conhecimentos anteriormente trabalhados com os alunos e com os seus conhecimentos prévios (BITTENCOURT, 2009).

Nestas preocupações metodológicas, se destaca o papel do curador de conteúdos (CORTELLA; DIMENSTEIN, 2015), exercido por um professor: aquele que agrega informações e reúne ferramentas de estudos mediante a disseminação veloz da grande quantidade de conteúdos e informações em um curto espaço de tempo que ocorre na atualidade. Assim, o docente pode atuar como um mediador, ao auxiliar os alunos na passagem da narração para a construção de conceitos históricos.

Segundo Zabala (1998), o ensino que se propõe à formação integral do aluno deve estar baseado na intersecção entre conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais. O uso do texto literário favorece ao professor no trabalho com essas três dimensões, uma vez que, diante de uma obra, o professor pode aprofundar a compreensão dos conceitos e fatos históricos trabalhados durante a aula expositiva, desenvolver conhecimentos procedimentais através da avaliação da fonte, interpretação, elaboração de argumentos e comparação de narrativas e por fim trabalhar os problemas sociais que aparecem nas obras e que ainda estão presentes no cotidiano deles, refletindo sobre atitudes e possíveis soluções para tal problemática.

2.3 A importância da obra de Lima Barreto

A vida e a obra de Lima Barreto nos permitem compreender e analisar os subúrbios cariocas no início do século XX. Sua literatura é importante para a compreensão da historiografia espacial carioca ao dar voz aos moradores suburbanos através de seus personagens, denunciando a segregação sócio-espacial no Rio de Janeiro, que muitas vezes era negligenciada pelas autoridades públicas. Nesse período, as elites políticas e intelectuais procuravam passar a imagem de uma cidade moderna e em franco desenvolvimento (SILVA, 2004).

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu na capital da República, no bairro

das Laranjeiras, no dia 13 de maio de 1881. Sua mãe Amélia era professora, filha de uma escrava alforriada que permanecera vivendo próximo de seus ex-proprietários. Seu pai João Henriques era tipógrafo e trabalhava no jornal de Visconde de Ouro Preto, um político monarquista em evidência que seria padrinho de Lima Barreto e pagaria seus estudos. Através de sua relação com o Visconde, João Henriques conseguiu trabalhar na Tipografia Imperial e no Jornal do comércio, tendo publicado o Manual do aprendiz compositor. A trajetória da família de Lima Barreto aponta para a política de compadrio, na qual uma pessoa com status social mais elevado prestava favores e proteção, possibilitando a entrada em determinados espaços sociais. Desta forma, para pessoas negras não bastava ter talento, sendo necessário alguém que lhe apadrinhasse sociais (BELCHIOR, 2011, p.88).

A sorte dos Barretos começou a mudar com a morte de Amélia vítima de Tuberculose. No contexto do racismo científico, hegemônico na época, era uma doença vista como um sinal de degeneração de pessoas negras ou mulatas, assim como a loucura e o alcoolismo. Apesar de procurar refutar essas teses durante sua carreira Lima Barreto viveu atormentado por essa teoria. Pouco tempo depois da morte da mãe, com a Proclamação da República, o pai de Lima Barreto, João Henriques, perdeu seu emprego e foi trabalhar como administrador na colônia dos alienados na ilha do governador, local que serviu de inspiração para a composição do sítio onde morava um de seus personagens, Policarpo Quaresma. O trabalho agrícola começou a ser utilizado no contexto da primeira reforma psiquiátrica brasileira no tratamento das doenças mentais como alternativa ao enclausuramento no Hospício Pedro II que sofria com problemas de infraestrutura, denúncias de maus tratos e superlotação (ARANTES, 2008, p.3).

Em 1897, Lima Barreto se matricula na escola politécnica para estudar engenharia civil e passa a frequentar os cafés da rua do ouvidor e do Largo São Francisco de Paula. Ali apesar de acumular inúmeras reprovações, passou, a partir do ano de 1900, a escrever para o jornal da escola, A Lanterna, satirizando os professores e os seus colegas com os quais mantinha uma relação distante. Com o adoecimento do Pai, Lima abandonou o curso e se mudou com sua família para o subúrbio carioca, para o bairro do Engenho Novo. Diante da falta de opções, prestou concurso para o serviço público, que constituía-se como o grande mercado de oportunidades de trabalho na capital fluminense. Seu trabalho no funcionalismo público assim como suas críticas ao parasitismo no serviço público ganham vida

através de seu personagem denominado Gonzaga de Sá, na obra Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá (CAMARGO, 2021, p.30).

Além do trabalho como amanuense, Lima Barreto começa a realizar trabalhos esporádicos em periódicos. São exemplos desse período uma reportagem sobre a derrubada do morro do castelo em 1905 para o correio da manhã e artigos para a revista fon-fon em 1907, criticando a tendência ao estrangeirismo, No mesmo ano, fundou com seus colegas de cafés a revista Floreal, que tinha como alvo predileto a crítica a ABL. Com um estilo direto e de oposição para chocar o que estava estabelecido, a publicação durou apenas 2 meses e 4 números. Assim, Lima Barreto começou a colocar em prática seu projeto literário alternativo (BOTELHO, 2006, p.3).

Como era comum na época, Lima Barreto primeiro testou a recepção de seus escritos em folhetins divulgados nos jornais para depois publicar o romance como livro devido ao seu alto custo. Através de uma editora portuguesa, pois não conseguiu editora brasileira que publicasse sua obra, Lima Barreto publicou seu primeiro romance Recordações do Escrivão Isaías Caminha. Tratava-se de uma obra autobiográfica, onde o autor procurou satirizar os principais intelectuais de sua época, que trabalhavam no jornal Correio da Manhã. Nesta obra, o autor descreveu a imprensa como um quarto poder da constituição. (BARRETO, 1917) Sua literatura buscava a conscientização do poder da imprensa na definição dos rumos políticos do país, podendo ser entendida como um importante documento histórico de sua época.

Recorrendo a um estilo de escrita semelhante, publicou Numa e Ninfa, em 1911, onde procurou romantizar os protagonistas do momento político. Ao analisar a época, Barreto criticou o casamento burguês visto como um negócio, o despreparo dos políticos e a “mania” dos brasileiros que querem ser considerados doutores, mesmo sem conhecimento para tal, mas como um símbolo de distinção social.

Em 1914, ocorreu sua primeira internação devido ao uso constante de álcool. Depois de constantes afastamentos do trabalho, Lima Barreto voltaria a ser internado em 1919. Sua experiência no hospício serve de base para a escrita da obra Cemitério dos Vivos. Posteriormente, o autor voltaria ao tema em seus Diários do Hospício, onde descreveu a rotina de sua internação e sua relação com Juliano Moreira. Nestes escritos, criticou as condições insalubres do hospício e argumentou contra a atuação da polícia. Neste período, a instituição policial prendia e enviava para o local pessoas indesejáveis na cidade que fossem vistas frequentemente nos bares ou vagando sem destino pelas ruas. Além disso, destacou as inovações nos diagnósticos e na

recuperação, como a utilização da colônia de alienados em substituição ao enclausuramento dos manicômios. Tais informações são importantes para o entendimento do desenvolvimento da história da saúde no Brasil (BULHÕES, 2015, p. 140).

Figura 1: Retrato de Lima Barreto.



Fonte: Revista A.B.C (1918)

Na obra, *Os Bruzundangas* (1923), Lima Barreto também apresenta expectativas trazidas pelo início do novo regime e críticas ao nacionalismo exacerbado, que acreditava que a República poderia resolver todos os problemas do país. Esta posição estava baseada em um otimismo ingênuo e retratava a decepção de parcela da sociedade com os rumos que a República estava tomando. Para esta parte da população, a queda do Império não tinha acompanhado, na velocidade esperada, as transformações sociais que muitos grupos sociais exigiam.

De forma geral, suas obras são bastante autobiográficas e constituem um testemunho das mazelas da República e dos projetos de construção da nação e também de projetos alternativos. Lima Barreto tinha um apreço pelos russos como Fiódor Dostoiévski² e se aproximava do realismo ao procura tornar visível aquilo que as autoridades procuravam esquecer. Escreveu contos, romances e crônicas nas quais refletia sobre temas ainda presentes no noticiário da cidade, como o racismo, a burocracia no acesso a direitos, o uso indiscriminado da força nas repressões policiais, o sentimento de abandono da população pelas autoridades públicas, a falta de saneamento básico, problemas de moradia e transporte (SEVCENKO, 1983, p.163).

O autor entendia sua atividade intelectual como um exercício político de denúncia contra a corrupção política e econômica, o empreguismo, a luta por cargos,

² Fiódor Dostoiévski foi um representante do realismo russo. Assim, suas obras, além de características do estilo, apresentam também: Objetividade e ausência de idealizações.

o fornecimento sem concorrência para obras públicas e o nepotismo presentes no regime republicano. Com o objetivo de exagerar a realidade criticamente, utilizava a ironia e a caricatura como forma de ressaltar as características políticas da época, que considerava como defeitos da república. Ao analisarmos a obra de Lima Barreto, estamos, segundo Lilia Schwarcz (2017), diante de uma "literatura militante" impactada e compromissada com o seu próprio contexto social, que denunciava questões sociais que ainda estão presentes no cenário atual.

Lima Barreto pode ser considerado um ótimo retrato do período republicano no Brasil, pois ao mesmo tempo que incluía as classes populares nos seus romances, era um crítico ferrenho da prática do futebol, do samba e do carnaval. Do mesmo modo que defendia direitos das mulheres, criticava o feminismo por, segundo ele, ser uma mera "moda estrangeira, que não possuía correspondência com a realidade nacional. Ao mesmo tempo que criticava o parasitismo dos funcionários públicos, ganhava a vida trabalhando como amanuense na Secretaria de Guerra. Ao mesmo tempo que adorava criticar o modo de vida dos literatos da Academia Brasileira de Letras (ABL), tinha como grande aspiração ingressar na ABL. Assim, trata-se de um autor que, como um ser humano real, teve erros e acertos (SCHWARCZ, 2017).

Além disso, foi um crítico incansável das reformas urbanas de modernização da capital fluminense que estavam concentradas em uma pequena parte da cidade, mas não atingiam os subúrbios cariocas carentes de infraestrutura. (FIGUEIREDO, 1997) A obra de Lima Barreto é fundamental para compreendermos como o bovarismo³ estava presente na sociedade carioca, na valorização de tudo aquilo que era estrangeiro. A partir desta perspectiva, procurava descrever o desejo por copiar tendências estrangeiras. Este tema era constante na trajetória do autor, que criticava as políticas públicas por se pautarem no melhoramento urbano sem levar em consideração as particularidades da cidade. Nesse sentido, o conto Miss Edith e seu tio (1911) trata de como os brasileiros se comportavam frente aos estrangeiros ingleses que chegavam à capital com uma pose de superiores.

Lima Barreto criticava o monopólio da opinião pública urbana e realizava constantes ataques à classe jornalística que por vezes estava diretamente envolvida em negociações com a classe política. Descreveu e problematizou eventos

³ Bovarismo: Insatisfação romântica que consiste em querer evadir-se de sua condição, adotando uma personalidade idealizada, como o fez a heroína do romance Madame Bovary, de Flaubert.

importantes ocorridos na capital da república como a Revolta da Vacina (1904), destacando a forma como a população se revoltou contra o governo. Escreveu sobre a Revolta da Armada (1893-1894), as greves operárias de 1917, se posicionou a favor da campanha civilista de Rui Barbosa, foi contra a participação brasileira na primeira guerra mundial. Em sua crônica *A derrubada*, de 1914, criticou as transformações no passeio público e na crônica *A margem*, também de 1914, contextualizou a revolta da Chibata. Também foram alvos de suas críticas os gastos com os preparativos para as comemorações do centenário da independência do Brasil em 1922. Entretanto, por ser funcionário público, não se sentia completamente livre para criticar o Estado brasileiro.

Seus textos tinham linguagem simples, afastada dos formalismos que caracterizavam o modo de escrita dos grandes literatos tradicionais. Isso possibilitava que seus textos atingissem um público mais amplo, para além do campo intelectual. Entre seus leitores estavam membros de uma nova camada social urbana que surgia no início do século XX, com o advento da industrialização no Rio de Janeiro. Muitas dessas pessoas eram negros recém-libertos que se aglomeravam nos subúrbios da capital, em um cenário em que os escritores não possuíam mais o mecenato do Império. Assim, precisavam disputar a sobrevivência no mercado editorial urbano como fonte de renda (SEVCENKO, 1983).

Seus personagens, majoritariamente negros ou mestiços, tem suas cores descritas diretamente e são representantes dos mais diversos espaços sociais. Eles são: burocratas, burgueses, militares, operários, comerciantes, violeiros, capoeiras, jornalistas, loucos, estrangeiros, artistas, entre outros. Transitam por diversos ambientes como estabelecimentos, festas, bordéis, pensões, repartições, hospícios, trens, bondes, livrarias e tribunais (SCHWARCZ, 2017, p.10).

Através desses personagens podemos compreender o funcionamento dos símbolos e objetos como vestimentas, chapéus, colarinhos, anéis de formatura. Estes objetos eram utilizados como elementos de diferenciação social e discriminação, permeando as relações no cotidiano. As linhas tênues entre os diferentes subúrbios são trabalhadas por Barreto ao identificar os “elegantes do subúrbio”, pessoas que se diferenciavam entre os demais suburbanos. Porém, ao sair dos subúrbios para a central, eram vistos de igual modo aos outros moradores dos subúrbios. A obra *Clara dos Anjos* aborda a temática de sua origem afro-brasileira ambientada no subúrbio, descreve a variedade de residências existentes nos subúrbios, perpassa o universo

religioso brasileiro e traz consigo uma sátira à classe média branca e aqueles que consideram morar em um bairro “melhor” dos subúrbios (SILVA, 2005).

Lima Barreto era um andarilho pela cidade que observava diretamente o cotidiano e utilizava de seus registros, feitos durante as suas viagens de trem entre o subúrbio de Todos os Santos à Central, como matéria prima para a composição de seus enredos. Entre 1910 e 1915, escreveu crônicas críticas para várias revistas. Assim Lima Barreto tornou-se não apenas um grande cronista carioca, mas um cronista das ruas do Rio de Janeiro (SCHWARCZ, 2017, p.164).

Afonso Henriques de Lima Barreto faleceu no dia 1 de novembro de 1922, pouco antes de seu pai, vítima de um infarto fulminante em consequência de arritmia cardíaca acentuada pelo seu alcoolismo crônico. (SCHWARCZ, 2017, p. 485) Por muito tempo, esse autor foi estigmatizado devido aos seus hábitos boêmios, suas constantes internações psiquiátricas e seu status social como negro (CAMARGO, 2021, p.36). Além disso, era malvisto por suas vestimentas desleixadas e fora de moda, por ser morador dos subúrbios, crítico das elites sociais e da imprensa oficial. Esses fatores impediram seu acesso nas duas tentativas que fez de entrar na ABL e relegaram a sua obra ao esquecimento, sob os argumentos de que, apesar de ser um autor talentoso, sua obra representava mais as questões de sua vida do que uma literatura clássica.

Recuperar o legado da literatura de Lima Barreto significa dar voz a um intérprete da diversidade da vida da cidade, assim como suas críticas aos projetos políticos hegemônicos. Sua obra trazia à tona projetos alternativos de modernismos diferentes dos conduzidos pelos filhos da elite paulistana (SCHWARCZ, 2017, p. 432).

3 O RIO DE JANEIRO NO INÍCIO DO SÉCULO XX.

3.1 As transformações no Rio de Janeiro na passagem do final do século XIX para o começo do século XX

O início do período republicano foi marcado por uma aceleração do ritmo de vida sem precedentes na capital do país. O Rio de Janeiro foi tomado por uma onda de consumo que tornou o porto da cidade o décimo quinto maior do mundo em termos de volume comercial. A capital fluminense era, no início do século XX, o principal centro comercial e político do país, onde se concentrava a maior parte da população do Brasil. Este contexto levava à ampliação da burocracia estatal e à formação de um grande mercado consumidor, com acirramento da competição por postos de trabalho (SEVCENKO, 1983).

Entre 1890 e 1920, a população saltou de 522 mil para 1 milhão 157 mil habitantes. Esse crescimento exponencial trouxe consigo novos desafios, como problemas de abastecimento, carência de moradias, carestia dos preços dos aluguéis e alimentos, inflação crescente, elevada taxa de desemprego e baixos salários, sendo o funcionalismo público o maior mercado de empregos da cidade (SCHWARCZ, 2017, p.143). A política de imigração adotada pelo governo republicano - com o objetivo de ter uma mão de obra a baixo custo salarial para substituir a mão de obra escrava africana - estimulou a chegada de milhares de imigrantes, intensificando ainda mais os problemas urbanos da cidade.

Seguindo um pensamento imperialista do final do século XIX e início do século XX, surgia um novo grupo social hegemônico, pautado pelo fascínio por tudo aquilo que fosse estrangeiro. Sob esta perspectiva, defendiam a necessidade de alcançar o desenvolvimento e progresso através da imitação das nações europeias, tidas como desenvolvidas. Assim, buscavam adequar a realidade local ao padrão universal burguês de hábitos e consumo. Esse novo cenário exigia novos figurinos e as vestimentas passaram a ser consideradas como requisitos de distinção social (CRANE, 2006, p.276).

A cidade tornou-se um grande museu de novidades a céu aberto. Surgiram o bonde elétrico, o automóvel, telefone, cinema, elevadores e teatros chegando a ocorrer na cidade durante a década de 1890 a apresentação de mais de 2 mil peças teatrais. O Rio de Janeiro descrito por Lima era um local de mudança permanente e o

autor tem o cuidado de registrar em suas obras os grandes fatos e passagens da vida republicana, assim como suas angústias por uma cidade em processo acelerado de mudanças ⁴ (BARRETO, 2004, p. 99).

Lima Barreto era um crítico dessa República que já nascia com sonhos de grandeza. Criticava a mania de inauguração patrocinada por uma parcela da sociedade, que sonhava tornar o Rio de Janeiro semelhante a uma capital europeia, mas tinha um projeto intelectual que não levava em consideração as características da cidade e a necessidade de projetos de inclusão dos ex-escravizados nessa sociedade. O autor destacava com tons de deboche o bairro de Botafogo, local de moradia dessas elites “estrangeiradas” que procurava se diferenciar do restante da população através de seus hábitos e vestimentas. Acusava os moradores do bairro de imitar os europeus e de utilizar a titulação de doutor como marca de distinção social naquele contexto (BARRETO, 1961, p. 259).

Os cafés e confeitarias tornaram-se importantes locais de sociabilidade, principalmente os que estavam localizados no centro do Rio, como o Café Paris, Café de Java, e as Confeitarias Pascal e Colombo. Nesses locais fundaram-se novos jornais, revistas e organizaram-se novos movimentos sociais. Com o aprimoramento das técnicas de impressão, que se tornavam cada vez mais baratas, surge um novo jornalismo como símbolo da nova burguesia urbana. Nesses jornais eram publicados artigos com temas da modernidade e livros em formato de folhetins. Esse foi o expediente de publicação utilizado por Lima Barreto para possibilitar a edição de seus livros com um custo mais baixo (SEVCENKO, 1983).

A agitação desse período também foi grande sob o ponto de vista político. Em uma época de indefinição e transição, diferentes grupos sociais disputavam diversas alternativas para a constituição do novo estado moderno. Seguida a Proclamação da República em 1889, em 1893 explode no sul do país a Revolução Federalista, em 1897 a Guerra de Canudos no interior da Bahia desafiou o exército brasileiro e, em 1904, uma rebelião popular contra a vacina anti-varíola, ocorre no Rio de Janeiro. Esta última foi violentamente reprimida e suas lideranças foram deportadas para o Acre. Lima Barreto apontou a falta de comunicação com a população como um dos motivos para a revolta. Segundo o autor, não havia uma preocupação do Estado em esclarecer

⁴ Em seu romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, pela pena de Augusto Machado, expõe grandes reflexões sobre a vida urbana na capital do país.

a população sobre as estratégias de enfrentamento das doenças endêmicas e, na falta da educação, utilizava-se da força para colocar essas estratégias em prática (BARRETO, 2001, p.1223).

Entre 1906 e 1908 diversos movimentos grevistas acontecem no sudeste do país reivindicando aumento salarial, proteção aos trabalhadores, direitos de organização e redução das jornadas. Entretanto, esses movimentos foram reprimidos sistematicamente pelo aparelho estatal do período. Neste período, as oligarquias ligadas à produção de café manipulavam o Estado em função de seus interesses regionais. Assim, os órgãos de repressão passavam a ser patrimônios dos oligarcas e de seus projetos ligados ao capitalismo financeiro internacional (CHALHOUN, 2012).

3.2 Políticas higienistas e a experiência da loucura na obra de Lima Barreto

As reformas urbanas no Rio de Janeiro do início do século XX beneficiaram os construtores e os políticos que sob o pretexto da modernização possuíam como objetivo o de afastar a classe proletária do centro da cidade que até então era conhecida pelas suas habitações coletivas, superlotadas, de condições precárias e insalubres, ruas estreitas, áreas pantanosas e cais pequeno evidenciando uma incompatibilidade entre a estrutura urbana e as demandas da modernidade (ROCHA, 1995, p.32). Eram comuns eventos epidêmicos e tornou-se endêmico os casos de suicídio, o hospício nacional superlotado já não era suficiente para o atendimento de pacientes com questões relacionadas ao alcoolismo e outras doenças mentais.

No início do século XX, não eram poucos os teóricos que defendiam haver uma maior incidência de casos de loucura e alcoolismo no Brasil, por este ser um país mestiçado (BULHÕES, 2015, p.70). Com a oficialização da abolição da escravidão em 1888, um grande contingente populacional deixa o domínio dos seus senhores, esses negros libertos apesar de ganharem a liberdade jurídica não compartilham do status de igualdade biológica. Por isso são vistos como uma ameaça a ordem das cidades, sendo necessário educá-los para alcançar a vida civilizada transformando os libertos em trabalhadores. Os contos de Lima Barreto também mostram a dura realidade da prostituição na cidade do Rio de Janeiro que atingia principalmente as jovens afro-brasileiras. A mulher mulata era vista como um símbolo de sensualidade, como mulheres traiçoeiras, insinuantes, uma mulher “fácil”, com as quais podia se

manter um relacionamento sem maiores obrigações (FIGUEIREDO, 2022, p. 11).

Logo, a ociosidade devia ser reprimida pois não estava condizente com os ideais modernos do mundo do trabalho. Os ociosos encontrados pelas ruas deveriam ser levados para as colônias agrícolas onde poderiam desenvolver o hábito do trabalho. Os estrangeiros vindo da Europa que chegavam no país através do financiamento de uma política de imigração estatal com o intuito de substituir a mão de obra escrava pela mão de obra assalariada de baixo custo, deveriam servir de exemplo comportamental para o trabalhador nacional que acreditava-se possuir uma preguiça inata para o trabalho (SEVCENKO,1983).

Segundo Chalhoub (2012), no início do século XX elabora-se um mito de que a população pobre seria naturalmente tendente a ociosidade. Essa propensão a ociosidade seria um facilitador para que o homem adquirisse hábitos viciantes como o alcoolismo. Esses vícios associados a vadiagem representavam uma ameaça aos bons costumes e eram vistos como a porta de entrada para a práticas de crimes. Logo as classes pobres eram vistas como sinônimos de classes perigosas sob as quais se exigia uma vigilância policial constante que rotulava de vadios todos aqueles que se encontravam pelas ruas e botequins⁵ sem conseguir comprovar a sua condição de trabalhadores e os enviava para as colônias e hospitais de alienados. Entretanto, desconsiderava-se que muitos indivíduos não estavam trabalhando não por opção, mas sim pela falta de oportunidades de emprego que atingia principalmente indivíduos mais velhos, negros e pardos que muitas vezes encontravam na mendicância a única forma de subsistência.

Lima Barreto descreve em suas obras suas relações com os internos e o funcionamento da colônia agrícola da Ilha do Governador, criada em 1890 pelo governo provisório, uma vez que passou boa parte da sua infância neste local devido ao trabalho de seu pai como administrador da colônia após perder seu emprego de tipógrafo com a proclamação da república. No âmbito da primeira reforma psiquiátrica, as colônias agrícolas eram consideradas uma saída moderna para o problema que afligia as cidades brasileiras e para a superlotação do Hospício Pedro II. Entretanto, apesar da propagada modernidade, em sua obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de 1907, Lima Barreto descreve as condições precárias da colônia da Ilha, sua falta

⁵ Estabelecimentos onde as pessoas se reuniam em torno de bebidas, petiscos ou refeições mais simples e de baixo custo.

de infraestrutura e a água insalubre dos poços.

Um dos maiores medos de Lima Barreto era de não conseguir escapar de seus estigmas hereditários. Entretanto problemas relacionados ao uso excessivo do álcool o acompanharam durante boa parte de sua vida. Suas obras relacionadas ao tema são importantes fontes primárias para compreendermos como o tema era compreendido pela sociedade carioca e aborda, ainda, a violência da sociedade da época (RACHMAN, 2010, p. 107). Seus problemas com o álcool estariam relacionados a um comportamento de fuga de sua realidade marcada pelos problemas familiares, a falta de amigos e as frustrações em sua carreira profissional como escritor.

A primeira internação de Lima Barreto no Hospital Nacional dos Alienados ocorreu durante um período de 2 meses em 1914, já a segunda internação ocorreu entre dezembro de 1919 e fevereiro de 1920. Durante sua internação Lima atua como um etnógrafo em campo. Ao receber da direção do hospital papel e caneta começa a registrar a rotina do hospício, os tratamentos dispensados aos pacientes com banhos frios e sangrias, reclama da exposição, das cenas de nudez, dos banhos coletivos e dos quartos fedendo (RACHMAN, 2010, p. 73). Sua experiência com a internação foi registrada no Diário do Hospício publicado postumamente em 1953 e na obra Cemitério dos vivos onde o escritor transpôs para uma narrativa ficcional a mesma vivência no manicômio. Obras essas que estão em diálogo com o realismo russo e a ficcionalização da experiência real. Suas memórias são um registro subjetivo de uma combinação complexa de pobreza, cor e loucura.

Através de sua experiência Lima Barreto também coloca em questão, através da obra *Recordações do escrivão Isaias Caminha* (1917), a associação entre a raça e a práticas de crimes ao relatar uma falsa acusação de roubo da qual foi vítima. Como um personagem que perambula entre o centro e os subúrbios Lima Barreto coloca luz sobre o tema do racismo apontado que a definição de cor dos mulatos era definida com base em sua condição social. Se um mulato conseguisse acessar espaços sociais mais restritos havia tendência de um “embranquecimento” do mesmo. Entretanto se o mesmo pertencesse a uma classe social mais baixa a ênfase maior recaía sobre sua negritude.

A inauguração da linha férrea em 1858, permitiu uma redistribuição da população carioca antes concentrada do centro da cidade para o povoamento de regiões próximas às estações de trem recém-inauguradas. Conforme foram surgindo

as casas, as ruas se fizeram pautando uma ocupação do espaço urbano sem qualquer forma de planejamento, de modo irregular e tumultuado. Após sua expulsão da região central com as demolições necessárias para a construção das grandes avenidas, a cidade antes restrita a região central e a zona sul, cresceu em direção à zona norte e a população mais pobre se dirigiu para os subúrbios, designação dada aos bairros de classe média e baixa que se formavam ao longo da ferrovia (SCHWARCZ, 2017).

Segundo MATTOSO (2018), todo espaço social possui uma representação carregada de interesses ideológicos. Esses bairros dos subúrbios eram vastos e heterogêneos. Ao longo do tempo, passaram por transformações como forma de resistência às estruturas dominantes, ao contrário da visão estereotipada das regiões suburbanas do Rio de Janeiro veiculadas até os dias atuais na mídia tradicional como um local homogêneo e monolítico pautado pela pobreza, falta de educação e violência. As estações de trem se tornaram uma marca da vida suburbana, local de encontro e mistura de classes. Onde ao redor delas os bairros foram se constituindo e aos poucos foram surgindo confeitarias, pensões, restaurantes, lojas, jornais e casas (SCHWARCZ, 2017).

Lima Barreto faz uma rica descrição dos subúrbios como locais nem urbanos e nem rurais, compostos por diferentes tipos de habitações onde moravam funcionários públicos de baixo escalão, comerciantes, trabalhadores industriais, imigrantes e escravizados. Entre esses moradores suburbanos havia uma distinção social entre aqueles que moravam em bairros considerados melhores nos subúrbios, essa aristocracia suburbana era formada por pequenos militares, advogados e médicos de baixos rendimentos e funcionários públicos. Esses suburbanos estão constantemente representados nos personagens de Lima Barreto. (BELCHIOR, 2011) Do ponto de vista religioso, esta região é marcada por uma diversidade religiosa com a presença de religiões de matriz africana, a igreja católica, espiritismo e até práticas de cartomancia.

Através de suas viagens de trens nos trajetos de ida e volta entre o bairro de todos os santos e a central do Brasil, Lima Barreto vai descrevendo o cotidiano dos subúrbios, as vestimentas, as formas de sociabilidade, as feiras, as barraquinhas de comércio e a denúncia do abandono, destacando os problemas de falta de saneamento básico, iluminação pública entre outros problemas de infraestrutura frequentes nessa região do Rio, esquecida pelas políticas públicas de modernização da cidade (SCHWARCZ, 2017, p 164).

Entretanto, para se alcançar o ideal de modernização da cidade pretendido, as transformações arquitetônicas não eram suficientes, era preciso uma mudança no comportamento dos cariocas de modo que seus hábitos fossem compatíveis com os novos tempos. Logo, as festas populares, a serenata, o hábito da boêmia e de falar alto, as barracas e carroças de vendas que existiam nas ruas do centro, vendas de animais e os moradores de rua foram se tornando alvo de repressão policial que pretendiam “limpar” da região central essas práticas, para que a região viesse a se tornar semelhante a uma capital europeia. (SIMAS, 2016) O carnaval desejado passou a ser o carnaval realizado nos grandes bailes e desfiles e não os festejos populares pelas ruas da cidade.

3.3 O modernismo carioca e culturas populares

O cânone modernista deixou de lado muitos literatos que se lançaram nos anos 1910 e 1920, a pouca comunicação entre os grupos literários de Rio de Janeiro e São Paulo devido à distância geográfica e a escassez na oferta de transportes públicos que levaram a um distanciamento dos protagonistas da semana de arte moderna de 1922⁶ com a literatura produzida na capital fluminense assim como as críticas realizadas por Lima Barreto à “ambição desenfreada” da oligarquia paulista. Entretanto, nas últimas décadas percebe-se um movimento de ressignificação da semana de 1922, procurando sem deixar de lado a importância dos modernistas paulistas, resgatar o legado de artistas não brancos e de outras regiões do país para o modernismo brasileiro (SEVCENKO, 1983).

Segundo Schwarcz (2017, p 447), existiram no Rio de Janeiro projetos alternativos de modernidade ao projeto paulista, que por darem protagonismo às culturas populares foram silenciados e colocados na categoria de pré-modernistas a partir de uma régua criada pelos modernistas de São Paulo. Naquele momento, a capital paulista vivenciava um período de crescimento urbano e editorial patrocinado pela burguesia paulista e por uma onda de literatura nacionalista impulsionada pela realização de concursos públicos de literatura com temas relacionados ao folclore no pós primeira guerra mundial. Por ser considerado um fenômeno histórico disperso e

⁶ A Semana de Arte Moderna de 1922, realizada no Teatro Municipal de São Paulo, contou com o financiamento do escritor e membro da oligarquia cafeeira paulista, Paulo Prado e teve a participação de literatos como Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Manuel Bandeira.

diverso caracterizado pela crítica a importação de movimentos artísticos e teorias estrangeiras, considera-se adequado o uso da terminologia da palavra modernismos no plural para dar conta dos diferentes projetos modernistas que ocorreram na década de 1920.

Nesse sentido, considera-se Lima Barreto como um autor moderno pela escrita de seus romances de crítica social partindo da vida cotidiana, da fixação dos hábitos populares e das transformações que a cidade passava como fonte de seu material criativo procurando reforçar a importância da população negra na constituição da sociedade brasileira (BELCHIOR, 2011, p.52).

As revistas Floreal (1907), que era organizada pelo grupo da qual Lima Barreto fazia parte, ligado a boemia carioca, e a revista Klaxon (1922), dedicada à propagação das ideias lançadas pelos modernistas paulistas, possuíam em comum uma busca pelo rompimento com a imprensa tradicional, utilizando uma nova linguagem comprometida com os acontecimentos sociais tendo o real como matéria prima para o fazer literário. As edições da revista Floreal tinham entre 39 e 56 páginas, possuía publicação bimensal e devido à baixa procura foi publicada apenas em quatro números entre outubro e dezembro de 1907. Foram nas páginas da Floreal que "Recordações do Escrivão Isaías Caminha", primeiro romance de Lima Barreto, foi publicado.

Figura 2 - Floreal, publicação bimensal de crítica e literatura.



Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (2013)

Apesar de não ter tido o reconhecimento merecido em sua época, Lima Barreto não foi plenamente ignorado por seus pares, tendo mantido interlocuções ao escrever para revistas de pequena e média tiragem e comentado obras de iniciantes. Através da troca de correspondências, o escritor de todos os santos apontava caminhos e recebia elogios de escritores mais jovens de diversas regiões do país, procurando constituí-los herdeiros para sua literatura social. Também manteve diálogos e trocou correspondências com o modernista paulistano Monteiro Lobato, responsável através de sua editora pela publicação do romance *Vida e morte de M.J.Gonzaga de Sá* em 1919, livro este que lhe rendeu uma menção honrosa da Academia Brasileira de Letras no ano seguinte (BELCHIOR, 2011, p.61).

4 PROPOSTA PEDAGÓGICA - EXPOSIÇÃO: A CONSTRUÇÃO DA PRIMEIRA REPÚBLICA SOB O OLHAR DE LIMA BARRETO

Esta proposta pedagógica propõe a construção de um produto técnico e tecnológico condizente com a proposta 5 da lista de produtos da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a saber. “PTT5 - Evento Organizados: ciclos de palestras, exposições científicas, olimpíadas, expedições, feiras e mostras científicas, atividades de divulgação científica, entre outros”. Neste sentido, buscamos a criação de uma exposição a ser realizada coletivamente por estudantes, com orientação do professor da disciplina. Além disso, dependendo do caso, pode ser realizada de forma interdisciplinar, com a colaboração do professor (a) de Língua Portuguesa

Título: Exposição: A construção da Primeira República sob o olhar de Lima Barreto

Objetivos da Exposição: A exposição pretende analisar três crônicas selecionadas do livro *Os Bruzundangas*, composto por diversas crônicas publicadas no *Jornal do Comércio* durante o ano de 1917 e editado como livro pela primeira vez em 1923. A literatura de Lima Barreto pode fornecer um contexto histórico mais amplo sobre o período final do Império e início da República no Brasil. A obra *Os Bruzundangas* descreve um país fictício a partir da visão de um viajante que acabara de retornar dessa terra exótica, contando sobre a vida cotidiana, as práticas culturais, hábitos, modos, comportamentos e favorecimentos satirizando os problemas sociais, políticos, econômicos, educacionais e culturais deste país que são semelhantes aos vivenciados no Brasil no período da primeira república. A escolha desta obra justifica-se, pois, suas crônicas contêm apenas entre 3 a 5 páginas e possuem uma linguagem acessível para alunos do Ensino Fundamental II.

Muitas das questões descritas como a corrupção política, o nepotismo, a baixa qualidade do ensino nas escolas e questões de raça são problemas sociais que ainda podem ser vivenciados na atual realidade brasileira. Isso ajuda os alunos a se conectarem com o passado e a entenderem os fatores que influenciaram os eventos históricos. Lima Barreto, que viveu entre 1881 e 1922, testemunhou de perto os primeiros anos da República brasileira, que se estendeu de 1889 a 1930. Seus escritos frequentemente abordavam as transformações, mas também as contradições e desigualdades sociais que persistem naquele momento de mudança política.

Tema: Descrever e contextualizar os principais aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da emergência da República no Brasil.

Objeto de conhecimento: Primeira República e suas características; Contestações e dinâmicas da vida cultural no Brasil entre 1900 e 1930.

Habilidades: (EF09HI01) Descrever e contextualizar os principais aspectos sociais; culturais; econômicos e políticos da emergência da República no Brasil.

(EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.

(EF09HI05) Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive.

Conceitos: República; Reformas Pereira Passos; Modernismos; Urbanização; Literatura militante; Racismo; Subúrbios.

Conteúdos procedimentais: Leitura dos contos selecionados da obra Os Bruzundangas; Pesquisa bibliográfica sobre a vida e a obra de Lima Barreto; Pesquisa e seleção de imagens que retratam o período estudado.

Conteúdos atitudinais: Desenvolver novas perspectivas sobre os subúrbios cariocas; compreender a historicidade dos problemas sociais da cidade do Rio de Janeiro.

Duração/Frequência da Exposição: 1 bimestre / 2 meses / 4 sessões quinzenais com duração de 1 hora e 40 minutos cada

Público Alvo: Alunos do 9 ano do Ensino Fundamental II

Materiais/ Recursos: Papel, canetas, lápis, cartolina, livro Os Bruzundangas, recursos de multimídia (imagens da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, disponíveis no Portal Augusto Malta)

Agenda das sessões:

Sessão 1: Leitura em sala de aula da crônica “A nobreza da Bruzundanga”. Esta crônica busca descrever a “mania de doutor” presente entre a elite carioca. Segundo Lima Barreto:

Lá, o cidadão que se arma de um título em uma das escolas citadas obtém privilégios especiais, alguns constantes das leis e outros consignados nos costumes. O povo mesmo aceita esse estado de coisas e tem um respeito religioso pela sua nobreza de doutores. (BARRETO, 2021, p.36).

Apresentação através de uma aula expositiva do contexto histórico na qual o autor estava inserido e realização de uma pesquisa com os alunos sobre dados biográficos de Lima Barreto possibilitando uma identificação inicial com o autor. Trabalho de casa:

leitura da crônica “*As eleições*” em que Lima Barreto satiriza como ocorriam as fraudes eleitorais que permitiam a manutenção do poder nas mãos das elites oligárquicas.

Neste texto, Lima Barreto afirmava:

Depois de restabelecido, vim a saber que o Kastriotoh não tivera um único voto e arranjara um emprego modesto que dava para fazê-lo viver e mais a família com café e pão sem manteiga. A ata, eu a pude ver mais tarde, estava um primor de autenticidade, pois tinha sido falsificada com toda a perfeição por um espanhol que vivia do ofício eleitoral de falsificar atas de eleições. Eis como foi minha estreia eleitoral. Os meus leitores poderão verificar que, no ponto de vista eleitoral, a Bruzundanga nada tem que invejar da nossa cara pátria. (BARRETO, 2021, p.96).

Sessão 2: Discussão em grupo sobre a leitura feita em casa a partir da crítica a alienação política do período, ao nacionalismo exacerbado, as questões sociais e raciais da época e as contradições da sociedade brasileira. Leitura da crônica “*A Sociedade*”. Perguntas e pesquisa sobre novas palavras descobertas a partir da leitura do texto. Trabalho de casa: leitura da crônica “*Pancome, as suas Ideias e o Amanuense*” onde Lima Barreto destaca o racismo presente na sociedade e descreve o bovarismo como uma valorização e busca de imitação de tudo aquilo que era estrangeiro como elemento de distinção social. Observe alguns trechos deste texto que podem ser utilizados:

Uma das suas quezílias era com os feios e, sobretudo, com os bruzundanguenses de origem javanesa, coisa que equivale aqui aos nossos mulatos. Constituíam o seu pesadelo, o seu desgosto e não julgava os indivíduos dessas duas espécies apresentáveis aos estrangeiros, constituindo eles a vergonha da Bruzundanga, no seu secreto entender. (BARRETO, 2021, p.121).

Como já tive ocasião de dizer, tal ministro só trabalhava para impressionar os estrangeiros, e, apesar de não ter feito obra alguma de alcance social para a Bruzundanga, o povo o adorava porque o julgava admirado pelos países estranhos e seus sábios. (BARRETO, 2021, p.122).

Sessão 3: Produção dos textos dos cartazes, destacando as principais características do personagem e da sociedade brasileira no início do século XX e identificando os problemas sociais que ainda são frequentes na realidade de sua cidade. Pesquisa no portal Augusto Malta de imagens da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX que ilustram as transformações que ocorriam na cidade naquele período, conforme ilustram as imagens abaixo. Augusto Malta foi o primeiro fotógrafo da administração municipal, contratado pelo prefeito Pereira Passos, fotografou a cidade entre 1903 e 1907. O acervo Augusto Malta, em depósito no Museu Histórico da Cidade (MHC) foi tratado e disponibilizado eletronicamente no ano de 2008. A pesquisa no acervo pode ser realizada através de palavras-chaves, datas ou títulos.

Figura 3 - Desfile de Inauguração da Avenida Central.



Fonte: Augusto Malta (1905)

Figura 4 - O Presidente Epitácio Pessoa e o Prefeito Carlos Sampaio visitando a área arrasada do Morro do Castelo.



Fonte: Augusto Malta (1922)

Figura 5 - Café Paris, Largo da Carioca



Fonte: Augusto Malta (1909)

Figura 6 - Estrada de Ferro Central do Brasil, Estação do Engenho de Dentro.



Augusto Malta (1936)

Figura 7 - Estação da Estrada de Ferro Pedro II.



Fonte: Augusto Malta (1904)

Figura 8 - Operários trabalham nas obras para a Exposição Internacional de 1922. Vê-se o Passeio Público, a Igreja da Lapa do Desterro e o Palácio Monroe.



Fonte: Augusto Malta (1921)

Sessão 4: Montagem da exposição através de cartazes, desenhos e colagens com os textos elaborados pelos alunos e as fotos escolhidas no portal que ficarão expostas no mural da escola para visitação dos alunos das demais turmas do colégio buscando problematizar os interesses vinculados à produção dessas imagens feitas por um fotógrafo vinculado a administração municipal e as críticas sociais proferidas por Lima Barreto na obra *Os Bruzundangas*. Os alunos devem ser estimulados a buscar imagens na internet desses mesmos locais na atualidade e devem realizar um comparativo identificando mudanças e permanências na paisagem urbana carioca. Em seus textos devem ser capazes de identificar os problemas urbanos que existiam no início do século XX e ainda estão presentes no contexto atual.

Avaliação: A avaliação será realizada de forma qualitativa levando em consideração a participação dos alunos durante o processo de leitura das crônicas e montagem da exposição. O modo de avaliação qualitativo permite colocar o aluno como parte ativa do processo de ensino-aprendizagem identificando como o aluno está construindo seu conhecimento, os procedimentos adotados por eles e as suas atitudes frente ao conteúdo trabalhado, estimulando o engajamento e a participação dos alunos no decorrer das atividades.

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou compreender o uso do texto literário como uma ferramenta para o ensino de História. Esta fonte primária permite ao professor não apenas ilustrar o período histórico estudado, mas colocar o aluno em contato com os personagens, em seu próprio contexto. Isto colabora na percepção do conhecimento histórico como resultado de um processo, dentre várias possibilidades. Além disso, verificou-se as potencialidades de um maior engajamento do estudante, ao produzir uma identificação com os personagens estudados.

O projeto literário de Lima Barreto transita entre a novela e o relato de fundo pessoal. Suas histórias estão repletas de contradições semelhantes ao processo de modernidade brasileiro. Através da análise de suas obras é possível atender ao objeto a pesquisa, compreendendo as transformações e permanências na cidade do início do século XX através da literatura. Além disso, sua obra apresenta projetos alternativos de sociedade e dá voz a grupos sociais comumente invisibilizados nos livros didáticos. Através de seus personagens é possível identificar as angústias, as estratégias de resistência, as expectativas e demandas dos moradores do Rio de Janeiro em processo de transformação.

A capital federal foi objeto de inúmeras reformas urbanas ao longo de sua história, no ano de 2023, o projeto Reviver Centro II (Lei 8.104/2023), apresenta-se como uma solução para alavancar a construção de moradias na Praça XV, Castelo e Cinelândia, entretanto, urbanistas e movimentos sociais têm criticado o projeto por não atenderem as demandas da sociedade de moradias sociais e sim servirem como pretexto para dar vantagens imensuráveis para o mercado imobiliário como o ocorrido nas reformas urbanas na região portuária por ocasião das dos jogos olímpicos de 2016.

A proposta pedagógica teve por objetivo apresentar uma possibilidade de utilização da obra de Lima Barreto para a produção de novos olhares sobre a primeira república e sobre o processo de modernização carioca do início do século XX, destacando de uma forma satírica os problemas sociais do país. A montagem da exposição, unindo textos e imagens, pretende permitir ao aluno compreender as mudanças e continuidades dos problemas sociais urbanos do Rio de Janeiro, entendendo-os como um resultado do processo histórico de constituição da cidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Simone Garcia; AMADOR, Kassandra Thamirys Maciel. A Interdisciplinaridade no ensino de história: relações possíveis entre história e literatura. Macapá: **Fronteiras & Debates**, 2019. 6 v.

ARAÚJO, Cinthia Monteiro de. **Por outras histórias possíveis: construindo uma alternativa à tradição moderna**. In: MONTEIRO, A. M; GABRIEL, C. T; ARAÚJO, C.M; COSTA, W. Pesquisa em Ensino de História: entre desafios epistemológicos e apostas políticas. RJ: Mauad X: Faperj, 2014.

ARAÚJO, Valdei. **O direito à história: o historiador como curador de uma experiência histórica socialmente distribuída**. In GUIMARÃES, Géssica; BRUNO, Leonardo; PEREZ, Rodrigo. Conversas sobre o Brasil: ensaios de crítica histórica. Rio de Janeiro: Autografia, 2017, p. 191-216.

ARANTES, Marco Antonio. Para mim, Paraty – Alcoolismo e loucura em Lima Barreto. **Revista eletrônica Saúde Mental, Álcool e Drogas**. Ribeirão Preto. v. 4. n1. Artigo 9, 2008

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. São Paulo, Editora da USP: 1988

BARRETO, Lima. **Diário íntimo**. In: Prosa seleta. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001

BARRETO, Lima. **A Nova Califórnia - Contos**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

BARRETO, Lima. **Os Bruzundangas**. Jandira, São Paulo. Ed. Principis, 2021.

BARRETO, Lima. **Recordações do escrivão Isaias Caminha**. 2 edição revista e aumentada. Rio de Janeiro. 1917

BARRETO, Lima. **Toda crônica: Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Agir, 2004

BARRETO, Lima. **Vida Urbana**. São Paulo: Brasiliense, 1961

BELCHIOR, Pedro. **Tristes subúrbios: literatura, cidade e memória em Lima Barreto (1881-1922)**. Rio de Janeiro: Eduff, 2017, 224 p

BITTENCOURT, Circe. **Livros e materiais didáticos de história. Ensino de História: fundamentos e métodos**. SP: Cortez, 2009. p 293-324

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**.

Brasília: MEC, 2004

BOTELHO, Denilson. **Floreal e o Jornalismo no Tempo de Lima Barreto**. VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2006

BULHÕES, Marianne Azevedo. **Cheio de mistério e cercado de mistérios: Lima Barreto (1881-1922), psiquiatras, hospício, e o diagnóstico de alcoolismo**. 2015. 159 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 2015.

CAIMI, Flávia Eloisa. O que precisa saber um professor de história? **História & Ensino**, Londrina, v.21, n.2, p. 105-124, jul/dez. 2015

CAMARGO, Sílvio. Lima Barreto, o hospício e a loucura como lugar de fala. **Revista Mosaico - Revista de História**, Goiânia, Brasil, v. 14, n. 2, p. 27–38, 2021.

CATELLI JUNIOR, Roberto. **Temas e linguagens da História: ferramentas para sala de aula no ensino médio**. São Paulo: Scipione, 2009

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. São Paulo. Editora Unicamp. 3. ed. 2012

CORTELLA, Mário. S.; DIMENSTEIN, Gilberto. **A era da curadoria: o que importa é saber o que importa!** Campinas, São Paulo: Papyrus 7 Mares, 2015.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. São Paulo: Senac, 2006.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de (Coord.). **Lima Barreto: a ousadia de sonhar**. In: HOUAISS, Antonio; FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de (Coord.). Lima Barreto: Triste fim de Policarpo Quaresma. São Paulo: Scipione Cultural, 1997.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. Lima Barreto: Nação e Raça em pontos de cor. **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, n.31, p.43-62, set./dez. 2022

GADOTTI, Moacir. **A escola na cidade que educa**. Cadernos CENPEC, n.1, 2006, p. 133-139

GOMES, Nilma L. **Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais**. BH: Autêntica, 2010

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003

MATTOS, Ilmar Rohloff de. “Mas não somente assim!” Leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de História. **Tempo**, UFF, Niterói (RJ), v. 11, n. 21, p. 15-26, jun. 2006.

MATTOSO, Rafael. **A cultura urbana nos subúrbios cariocas: uma análise das relações de sociabilidade suburbanas ao longo do século XX.** Anais do Encontro internacional e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: História e Parcerias, 2018

MENDONÇA, C. V. C. DE; ALVES, G. S. Da alegria e da angústia de diluir fronteiras: O diálogo entre a história e literatura. **Revista Cantareira**, n. 4, 5 fev. 2019.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa; PENNA, Fernando de Araujo. Ensino de história: saberes em lugar de fronteira. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 36, n. 01, p. 191-211, abr.2011

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da Transdisciplinaridade.** São Paulo: Triom, 2001

NÓVOA, Antonio. **Para uma formação de professores construída por dentro da profissão.** Revista de Educação, Universidade de Lisboa. Lisboa. Portugal, n.350. 2009

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.

PELEGRINI, S. DE C. A. PESAVENTO, Sandra Jatahy. O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. 400 p. **Dialogos**, v. 8, n. 1, p. 211 - 215, 8 jul. 2017.

RACHMAN, Sergio. **A interface entre psiquiatria e literatura na obra de Lima Barreto.** Dissertação (mestrado) - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

RIO DE JANEIRO, **LEI Nº 8.104, DE 6 DE OUTUBRO DE 2023.**

ROCHA, Osvaldo Porto. **A era das demolições: cidade do Rio de Janeiro: 1870-1920.** 2. ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: Uma Biografia.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 792 p.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SILVA, Ana Cristina Cordeiro da. **Lima Barreto, um olhar literário dos subúrbios cariocas.** Monografia. Rio de Janeiro. IFCS/UFRJ, 2005.

SIMAS, Luiz Antonio. Dos arredores da Praça Onze aos Terreiros de Oswaldo Cruz. **Revista Z Cultural**, Ano XI, 2016

VELLOSO, Mônica Pimenta. AS TIAS BAIANAS TOMAM CONTA DO PEDAÇO: espaço e identidade cultural no rio de janeiro. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 207-228, 1990.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. 4. ed. Brasília: Unb, 1982. Tradução de: Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp.

WHITE, Hayden. **O Texto Histórico como Artefato Literário. Trópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na História e na Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ZABALA, Miguel. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. 224 p.

Fotos:

Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro - Portal Augusto Malta

Disponível em: <http://portalaugustomalta.rio.rj.gov.br/> Acesso em: 02 abr.2024